



## **César, cativo de Rômulo: as vicissitudes da memória cultural na estatuária cesariana**

**(Caesar, captive of Romulus: the vicissitudes of cultural memory in the Caesarean statuary)**

Giovanni Pando Bueno,  
Universidade de São Paulo. Brasil  
iovanni.pando.bueno@gmail.com

Enviado: 06//08/2023

Evaluated: 04/09/2023

Aceptado: 16/10/2023

### **Resumo:**

Este artigo busca analisar a apropriação da memória fundacional da *Urbs*, especialmente da figura de Rômulo, pelas estátuas de Júlio César erigidas em Roma durante os dois últimos anos de sua ditadura. Partindo da definição de *memória cultural* formulada por Jan e Aleida Assmann, elucida-se a necessidade de recorrer ao passado primevo em um momento de conturbação política, tanto para encontrar um lugar comum à sociedade dividida pela guerra civil quanto para validar a concentração extraordinária de poderes nas mãos de César, que em paralelo a Rômulo assumia então o papel de um refundador de Roma. A investigação é feita a partir dos relatos de Cícero, Plutarco, Suetônio e Dio Cássio, que descrevem características da estatuária cesariana daquele momento, bem como a recepção negativa desta. Conclui-se que a memória romúlea impõe limitações às tentativas de apropriação, não sendo manipulada ao bel-prazer dos cesarianos, além de afetar negativamente a estrutura republicana.

**Palavras-chave:** César, Rômulo, memória cultural, estátuas, República Tardia.

### **Abstract:**

This article aims to analyze the appropriation of *Urbs*' foundational memory, especially the figure of Romulus, by the statues of Julius Caesar erected in Rome during the last two years of his dictatorship. Based on the definition of *cultural memory* formulated by Jan and Aleida Assmann, the need to resort to the primordial past at a time of political turmoil is elucidated, both to find a common place for a society divided by civil war and to validate the extraordinary concentration of power in the hands of Caesar, who in parallel with Romulus then assumed the role of a re-founder of Rome. The investigation is based on the accounts of Cicero, Plutarch, Suetonius and Cassius Dio, who describe characteristics of the Caesarian statuary of that time, as well as its negative reception. It is concluded that the Romulan memory imposes limitations on the attempts at appropriation, and cannot be manipulated at the whim of the Caesarians, as well as negatively affecting the republican structure.

**Keywords:** Caesar, Romulus, cultural memory, statues, Late Republic.

  
**Introdução: memória cultural e as estátuas de César**

Estudar o tema da memória e as problemáticas que dela advêm exige que levemos em consideração alguns fatores preliminares sobre sua lógica de funcionamento. Um dos mais basilares é o fato de a memória ser fruto do presente, não do passado como se poderia pensar à primeira vista. Meneses<sup>1</sup> pontua que, devido a esta característica, a memória se sujeita à dinâmica social do tempo histórico em que é construída, jamais servindo como depósito de elementos do passado. Mesmo que atenda à conjuntura e às demandas do presente, é no passado que a memória busca sua matéria-prima, o conteúdo que saciará os interesses do tempo presente. Diria Jörn Rüsen<sup>2</sup> que a memória faz uso prático do passado, mantendo-o vivo e fresco enquanto relevante no presente, o que resulta em uma relação imediata – de natureza homogênea e teleológica – entre as duas temporalidades.

Outro fator relevante é que a interação social e o compartilhamento da memória entre sujeitos implicam em uma dimensão extra-individual da memória. Rüsen<sup>3</sup>, se orientando a partir da terminologia formulada por Jan e Aleida Assmann, fala em três modalidades da memória enquanto socialização: a comunicativa, a coletiva e a cultural. Elas estão organizadas em ordem crescente de seletividade e estabilidade, ou seja, quanto mais próximo à memória cultural mais institucionalizada em um sistema fixo na vida cotidiana de um grupo se encontra a memória. Isso porque a memória comunicativa, em um extremo, está relacionada ao passado recente, é revisitada cotidianamente em ambientes informais de comunicação e se encontra vívida na mente de até três gerações, em oposição à cultural, no outro extremo, fundada no passado remoto, nas origens e nos mitos fundacionais, institucionalizada no presente em formatos simbólicos como cerimônias e rituais performáticos imbuídos de uma aura sagrada<sup>4</sup>.

Nesta escala, portanto, a memória cultural é aquela mais resistente às mudanças próprias da dinâmica de compartilhamento do passado. Tal estabilidade é devedora do alto grau de institucionalização que essa forma de memória configura, isto é, sua prática se dá

---

<sup>1</sup> U. T. B. Meneses, “A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais”, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* 34 (1992), pp. 10-11.

<sup>2</sup> J. Rüsen, “Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história”, *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography* 2.2 (2009), pp. 165-166.

<sup>3</sup> J. Rüsen *Op. cit.*, pp. 166-167.

<sup>4</sup> J. Assmann, *Cultural memory and early civilization. Writing, remembrance, and political imagination*, Cambridge, Cambridge University Press, 2011, pp. 33-39.

através de rituais recorrentes, geralmente transcorridos em lugares culturalmente significativos para certa coletividade. Os responsáveis por sua teorização são Aleida e Jan Assmann que, partindo da contribuição de Maurice Halbwachs acerca da determinação social da memória (condicionada em termos durkheimianos a quadros relacionais de trocas interindividuais), sentiram a necessidade de dar um passo além, reconhecendo que a memória forjada na comunicação é capaz de criar laços profundos de identidade em um fenômeno de cunho fundamentalmente cultural<sup>5</sup>. Nesse sentido, se a memória comunicativa mantém vivo o passado recente, quase presente, e toma forma em circuitos cotidianos de comunicação, a memória cultural bebe na fonte da tradição, um tipo não horizontal de comunicação, mas transmitido de modo vertical por uma vasta cadeia de gerações<sup>6</sup>.

A memória cultural abre, então, “as profundezas do tempo”<sup>7</sup> em um eixo estrutural diacrônico, trazendo ao presente um passado que ninguém vivenciou ou conheceu quem vivenciara, um passado remoto, mítico, fundador, germinal. Daí sua força de conexão social: como se volta ao momento mais primevo do grupo, ela define com clareza um lugar fixo que serve de base à permanência do corpo social ao longo dos anos, e à imutabilidade de sua identidade em um campo de simultaneidade cultural que liga dois extremos, o hoje e o recuado ontem. Segundo Aleida Assmann<sup>8</sup>, a memória cultural opera a partir da interação entre a memória funcional, ou seja, a que vivifica as tradições do passado no presente através de meios simbólicos diversos (cerimônias, calendários, espaços, imagens, etc.), e a memória armazenada (ou cumulativa), isto é, o “depósito de provisões” do passado usado pelas dinâmicas culturais presentes como matéria-prima<sup>9</sup>. Portanto, a memória cultural realiza-se a partir do exercício da seleção, como um palimpsesto que raspa o texto original para sobrepor outro. Ela torna funcional apenas parte do armazenamento amorfo do imenso acumulado de passados, cristalizando-a em uma estrutura simbólica.

---

<sup>5</sup> J. Assmann, *Religion and cultural memory: ten studies*, Stanford, Stanford University Press, 2006, pp. 1-4, 8.

<sup>6</sup> J. Assmann, *Religion and... Op. cit.*, p. 8.

<sup>7</sup> J. Assmann, *Religion and... Op. cit.*, p. 24.

<sup>8</sup> A. Assmann, *Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural*, Campinas, Editora da Unicamp, 2011, pp. 146-153.

<sup>9</sup> A. Assmann, *Espaços da ... Op. cit.*, pp. 146-151, 153-156.

Em Roma, a memória cultural reproduzia-se de inúmeras maneiras. Elementos do passado remoto abundavam em festividades tradicionais, jogos, procissões, eventos sagrados, monumentos, edifícios, templos, inscrições, estátuas, fontes, rochas, árvores, etc. No que compete aos mitos de origem, que narravam não somente a criação da *Urbs* mas também a gênese do próprio *populus romanus*, um dos nomes que se destaca é o de Rômulo. O primeiro rei de Roma, filho da vestal de Alba Longa, Réia Sílvia, com o deus Marte, compõe, segundo Cornell<sup>10</sup>, uma lenda aborígine do Lácio muito antiga. Há vestígios dela que remontam ao século VI a.C., mas foi na passagem do IV para o III que teria adquirido a versão como a conhecemos hoje. Ao lado de Rômulo, os nomes de outros pais fundadores foram ganhando evidência ao longo dos anos, como Eneias ou Evandro. O primeiro teria sido o sobrevivente troiano do cerco grego, filho de Vênus com o nobre Anquises e que escapara das ruínas de Troia levando consigo sua família e os Penates em uma longa jornada que culminaria na chegada ao Lácio e na fundação de Lavínio. Já o segundo, menos conhecido, era cultuado junto a Hércules, que na viagem de retorno à Grécia teria matado Caco, o gigante filho de Vulcano que aterrorizava os arredores do Palatino.

Se o autoctonismo lacial cabia a Rômulo, Eneias e Evandro faziam parte de tradições exógenas que acabaram sendo interiorizadas no mundo latino. Eneias, por exemplo, é mencionado na *Ilíada*, aparece em cunhagens macedônicas do século VI a.C. e é citado em relatos helênicos<sup>11</sup> do século V como fundador de Roma. Na Etrúria, dado o contato com o Mediterrâneo Oriental, a figura do troiano já era conhecida no século VI a.C., e, no Lácio, através talvez de Lavínio, o culto a Eneias chegaria em Roma, transfigurando-se em herói fundador<sup>12</sup>. Apesar de corresponderem certamente a mitos fundacionais originados separadamente no período arcaico, isso não impediu que, durante os anos da República, as duas tradições acabassem se fundindo<sup>13</sup>: da descendência de Eneias em Lavínio, a partir de seu filho Iulo, ergueu-se Alba Longa, cuja linhagem de reis culminaria em Rômulo.

---

<sup>10</sup> T. Cornell, *The Beginnings of Rome: Italy and Rome from the Bronze Age to the Punic Wars (c. 1000-264 Be)*, Abingdon, Routledge, 1995, pp. 60-63.

<sup>11</sup> Lê-se Helênico de Lesbos e Damastes de Sigeion. Cf. T. Cornell, *The Beginnings... Op. cit.*, p. 64.

<sup>12</sup> T. Cornell, *The Beginnings... Op. cit.*, pp. 63-68.

<sup>13</sup> T. Cornell, *The Beginnings... Op. cit.*, p. 63.

  
No século I a.C., as duas narrativas já se encontravam bastante amalgamadas a ponto de serem conjuradas juntas na transição da República para o Império. E é especialmente notável o modo como tais mitos fundacionais foram lembrados durante esses turbulentos anos de crise política, sobretudo durante a ditadura de César e após a consolidação do Principado de Augusto. Primeiramente, devido ao fato de que a *gens Iulia* reivindicava descender desta antiquíssima estirpe: Iulo teria sido o primeiro membro da família, batizada em sua homenagem. Em segundo lugar, porque é marcante a forma como, ao longo da crise republicana, cada vez mais políticos romanos reclamavam publicamente seus antepassados, cujas virtudes e conquistas pretendiam espelhar. Rômulo e Eneias fizeram parte desse processo, tornando-se paradigmáticos tanto ao ditador quanto ao *princeps*. No caso particular da estatuária produzida durante os últimos anos da Ditadura Cesariana, objeto de interesse do presente artigo, percebe-se a inclinação das imagens escultóricas em associar César à memória de Rômulo, como buscaremos demonstrar no próximo tópico.

Antes de fazê-lo, contudo, devemos nos perguntar o que teria levado o ditador a recorrer à tradição romúlea para se espelhar nos anos 40 a.C., sendo imenso o leque de referências ao passado remoto de Roma que poderia ter sido trazido à luz. A resposta encontra-se na estabilidade que a memória cultural da fundação podia oferecer à dura instabilidade vivida naqueles anos. Para superar o trauma das guerras civis, das proscricções, da pauperização da plebe, foi preciso retroceder ao ponto mais primevo da memória, ao lugar mais elementar do passado comum àquilo que estava se tornando o maior império do Mediterrâneo. Um momento, portanto, anterior a qualquer dissenso.

Eis a relevância da fundação da *Urbs*: trata-se do terreno comum na memória romana, seja da plebe, do Senado, de cavaleiros, *optimates*, *populares*, partidários e rivais. É uma zona fixa no tempo que a todos abarca e que por ninguém pode ser negada, concedendo permanência à inconstante conjuntura do presente. A memória cultural da fundação também veio em socorro à posição ocupada por César dentro do quadro institucional republicano, cujo ineditismo e concentração de poderes excepcionais careciam de uma legitimidade adequada. Não havendo magistraturas dilatadas o suficiente para acomodá-lo, foi no plano memorial do passado longínquo que sua autoridade encontrou expressão, em uma figura – Rômulo – que já era amplamente conhecida e cultuada em Roma, integrava o discurso hegemônico do nascimento do Estado e assim sendo não poderia

comprometer a estrutura republicana de poder. Assim, o motivo da (re)fundação da *Urbs* por Rômulo/César pretendia ancorar na memória cultural a nova realidade política sem colocar em xeque a *res publica*.

Enfim, foi-se buscar no passado de origem o que o presente carecia. Neste artigo, exploraremos a apropriação da tradição romúlea pela estatuária cesariana a partir de alguns casos selecionados, bem como os problemas que esse processo suscitou à figura de César. É possível obter resultados fecundos no estudo da memória cultural a partir deste tipo de documentação. Hölkeskamp defende a capacidade da visualidade na geração de memória, em especial da memória cultural: a ambivalência produzida por um monumento sem o amparo preciso de uma inscrição, que apontasse para o evento primeiro ao qual ele remetia, não o tornava impotente na geração de memória. Pelo contrário, é justamente essa brecha instigadora de várias interpretações distintas que estimulava a construção da memória<sup>14</sup>. Assim, não há uma hierarquia que privilegia a palavra (na forma da tradição oral, das peças teatrais, dos jogos, dos discursos públicos, da declamação de poesia, da atuação de bardos, etc.) em detrimento da imagem, reduzida a um estímulo da memória já em circulação pela língua, mas sim uma interdependência entre verbo e materialidade<sup>15</sup>.

No caso das estátuas produzidas nos contextos cesariano, a materialidade produz um impacto específico no espaço e no tempo. No espaço, porque se insere em locais proeminentes de Roma que já estavam vinculados ao passado longínquo e, assim, relacionados a estes, penetra na memória cultural que era localmente evocada. Na classificação de Hölscher<sup>16</sup> acerca dos meios visuais da memória, o local transmite a aura da autenticidade, algo que a estátua, enquanto imagem nova, não possui – ela se apropria, então, da antiguidade do espaço no qual se encontra para reivindicar o passado remoto que busca vivificar. É um impacto também no tempo, pois a solidez de sua estrutura enraizada no espaço, suas dimensões que se igualam ou superam o corpo humano e a pedra ou o metal que lhe dão forma clamam pela permanência, pela estabilidade. A

---

<sup>14</sup> K. J. Hölkeskamp, “In Defense of Concepts, Categories, and Other Abstractions: Remarks on a Theory of Memory (in the Making)”. In: K. Galinsky (Org.), *Memoria Romana: Memory in Rome and Rome in memory*, Ann Arbor, University of Michigan Press, 2014, pp. 63-64.

<sup>15</sup> K. J. Hölkeskamp, “In Defense of... *Op. cit.*, p. 70.

<sup>16</sup> T. Hölscher, *Visual power in ancient Greece and Rome: between art and social reality*, Oakland, University of California Press, 2018, pp. 113-114.

  
estátua, portanto, consegue entranhar-se nas profundezas do tempo recuado e dar forma à permanência que a memória cultural tanto almeja.

### **Sobreposições visuais entre César e Rômulo**

O estudo das estátuas de César produzidas ao longo de sua vida e destinadas ao espaço da *Urbs* traz consigo algumas limitações. A primeira é de ordem empírica, pois nenhum resquício desses artefatos chegou até nós. Sabemos da existência dessas esculturas, de suas características gerais, dos locais em que foram dispostas e até certo ponto da recepção que tiveram do público por meio da documentação escrita, como Cícero, Plutarco, Suetônio e, sobretudo, Dio Cássio – invariavelmente devemos recorrer a tais autores para tratar deste tema. Ademais, há outro fator acerca da estatuária cesariana que deve ser anunciado de antemão: trata-se do pouco tempo que César teve no poder. Antes da guerra civil de 49 a.C., César não recebeu nenhuma estátua honorífica nos espaços públicos da capital do império, pelo menos nenhuma que fosse digna de menção. Após Farsalos, quando seus partidários passaram a erguer estátuas de maior destaque, ele exercerá um poder centralizado por apenas quatro anos (dos quais quase não se deterá em Roma, afinal outras batalhas decisivas da guerra civil seriam travadas até 45 a.C.). Logo, não houve tempo para o desenvolvimento de um projeto estatuário coerente.

Ainda assim, é possível analisar alguns casos de esculturas erigidas durante a ditadura que podem elucidar um pouco das intenções políticas de César para com a *res publica*<sup>17</sup>. Aqui, focaremos em quatro estátuas específicas mencionadas pela documentação textual. A primeira foi erguida na área Capitolina (Figura 1), em frente ao altar de Júpiter diante do templo de Júpiter Optimus Maximus (Figura 1, n. 881), logo após a Batalha de Tapso em 46 a.C. Quem nos fala dela é Dio Cássio em duas passagens: tratava-se uma estátua de bronze, alocada ao lado de uma carruagem votiva, com a inscrição que o qualificava como *hēmítheos* (“semideus”) e que estava ou montada no *oikouménē* (o mundo habitado), segundo a primeira menção<sup>18</sup>, ou tendo-o sob seus pés, conforme a segunda<sup>19</sup>.

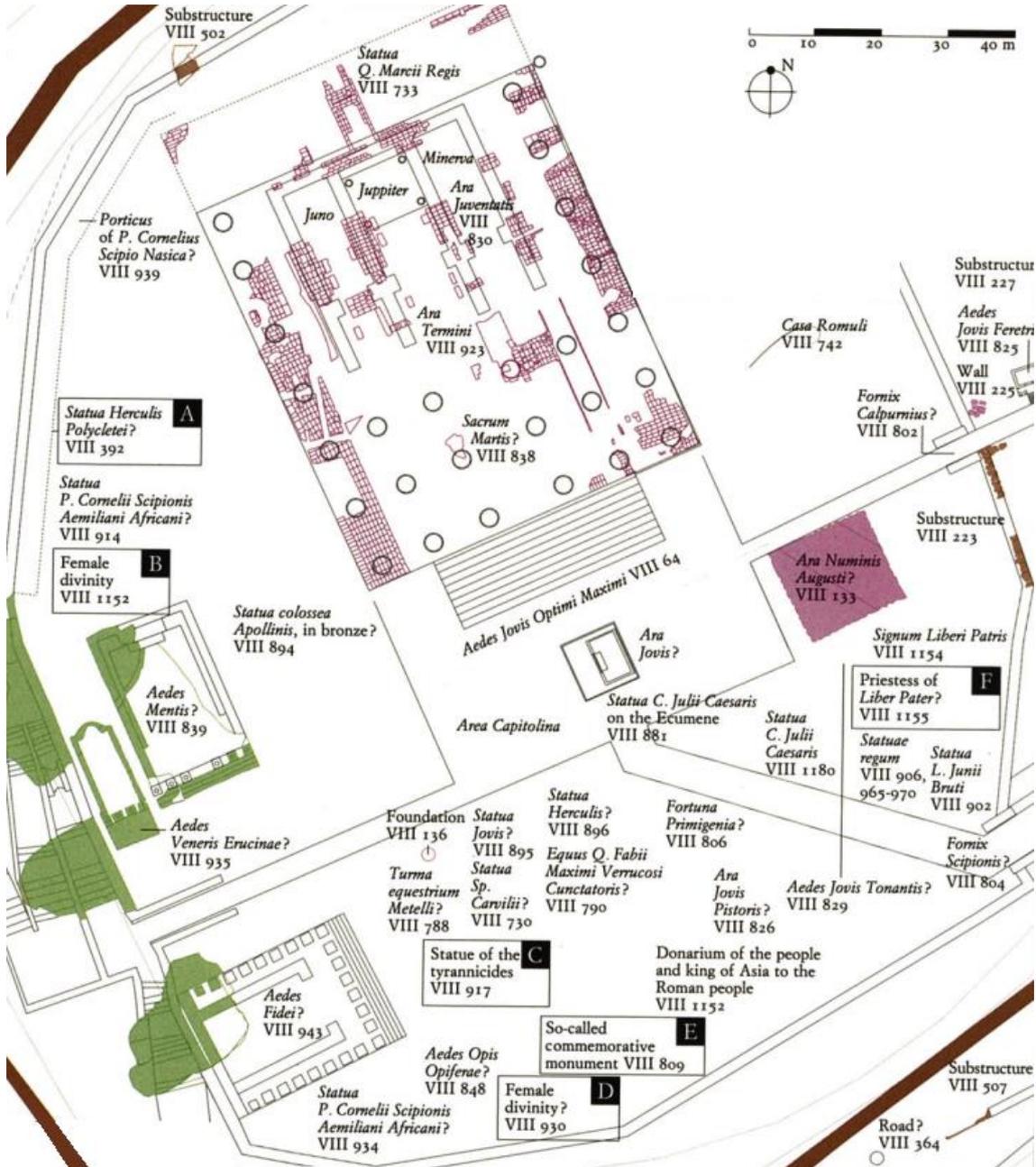
---

<sup>17</sup> M. Cadario, “Le statue di Cesare a Roma tra il 46 e il 44 a.C.: la celebrazione della vittoria e il confronto con Alessandro e Romolo”, *Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia dell’Università degli Studi di Milano* 59.3, (2006), p. 26.

<sup>18</sup> Cass. Dio XLIII 14, 6.

<sup>19</sup> Cass. Dio XLIII 21, 2.

**Figura 1.** Reconstituição da planta da área Capitolina, diante do templo de Júpiter Optimus Maximus, entre 240 a.C. e 14 d.C.



**Fonte:** A. Carandini (ed.), *The Atlas of Ancient Rome: biography and portraits of the City – vol 2, tables and indexes*, Princeton, Princeton University Press, 2017, Tab. 20.

Há um debate acerca da representação do *oikouménē* neste conjunto escultórico, pois o ecúmeno era retratado de dois modos diferentes em Roma: personificado como uma figura feminina (*Orbis terrarum*) ou em sua forma simbólica de um globo (*sphaera*)<sup>20</sup>.

<sup>20</sup> S. Weinstock, *Divus Julius... Op. cit.*, p. 29.

Um relevo em terracota oriundo da Via Cássia (Figura 2)<sup>21</sup>, cuja figura central é tomada como uma plausível representação da dita estátua do Capitólio<sup>22</sup>, retrata César e coloca a seus pés tanto a *sphaera* quanto a figura ajoelhada do *Orbis terrarum*. Compondo a narrativa de um triunfo, o relevo é capaz de reproduzir a estátua capitolina ao lado de mais elementos relacionados ao tema da conquista, como a Vitória alada e o troféu militar (não citados por Dio Cássio e, logo, provavelmente não sendo partes do conjunto escultórico). Na figuração do relevo, a tautologia da dupla representação do ecúmeno é possível, pois reforça a dominação cesariana. Mas qual *oikouménē* era o da descrição de Dio Cássio no Capitólio? Possivelmente a *sphaera*, já que encontramos outras referências iconográficas que trazem o globo sob um dos pés ao mesmo tempo em que seguem o modelo de triunfador representado no relevo, ou seja, seminu e com um braço apoiado em uma lança.

**Figura 2.** Relevo triunfal em terracota. Atualmente localizado no Museo Nazionale Romano (Inv. n° 124544).



**Fonte:** J. Pollini, *From Republic to Empire: Rhetoric, Religion, and Power in the Visual Culture of Ancient Rome*, Norman, University of Oklahoma Press, 2012, p. 144.  
© John Pollini, 2012.

Quais são essas referências? Para além de existirem estátuas gregas<sup>23</sup> assim dispostas, indicando então uma influência helenística, já havia em Roma uma imagem conhecida

<sup>21</sup> Encontrado em 1935 próximo a Roma, o relevo é datado da segunda metade do século I a.C., provavelmente do período cesariano, e possui cerca de 30 cm de altura por 88 de largura. Weinstock conclui que se trata de uma cópia em terracota de um relevo triunfal associado a César. Encontra-se hoje no acervo do Museo Nazionale Romano (Inv. n° 124544), no Palazzo Massimo. Cf. S. Weinstock, *Divus Julius... Op. cit.*, pp. 45-50; J. P. Adam, *L'arte di costruire presso i Romani: materiali e tecniche*, Milão, Longanesi, 1988, p. 46.

<sup>22</sup> J. Pollini, *From Republic to Empire: Rhetoric, Religion, and Power in the Visual Culture of Ancient Rome*, Norman, University of Oklahoma Press, 2012, p. 144.

<sup>23</sup> Há, por exemplo, uma conhecida estátua de Alexandre Magno nua e com uma perna erguida (talvez para dar lugar ao globo). Trata-se de Alexandre de Rondanini, atualmente localizada no Glyptothek Munich, na Alemanha. Cf. J. Pollini, *From Republic... Op. cit.*, pp. 170-171.

trajada desta forma: o *Genius Populi Romani*<sup>24</sup>, que aparece de modo semelhante à estátua capitolina na documentação numismática<sup>25</sup>. Genericamente, os gênios eram divindades imanentes aos homens, relacionados à fecundidade e potência geradora da figura masculina, além de seres espirituais ligados à proteção de lugares, o que fazia deles também numes tutelares do espaço doméstico ao lado dos Lares e dos Penates<sup>26</sup>. Fora da esfera individual, o Gênio Público, agregador dos *genii* de todos os cidadãos e protetor da coletividade romana, começou a ser cultuado em Roma justamente na área Capitolina após a derrota de Trébia para Aníbal, em 218 a.C., momento em que a existência do *populus romanus* estava ameaçada. Ao longo da história romana, outras épocas de crise instigaram oferendas ao *Genius Populi Romani*<sup>27</sup> – foi o que ocorreu em 101 a.C. após a derrota dos cimbro para as tropas de Mário na Batalha de Vercelas, promovendo a emissão de moedas com a imagem do *Genius* como forma de comemorar a salvação de Roma<sup>28</sup>.

Travestida como Gênio e no local associado ao culto desta divindade, a estátua capitolina destacava em César sua condição de *parens*, já que o *genius* estava relacionado à força masculina procriadora. Mas o fazia a partir de uma pretensão hegemônica, afinal não se tratava do *genius Caesaris* e sim o do Povo de Roma, o que o colocava como protetor de todo o conjunto cívico da *Urbs* através da sujeição do *oikouménē*. Vemos já nesta estátua, portanto, a aspiração cesariana de abranger a identidade coletiva e convergi-la para si, mas ainda sem mobilizar diretamente a memória cultural da fundação para tanto.

Já há na estátua capitolina, contudo, algumas alusões a Rômulo que podem ser detectadas. Além da proximidade com o templo de Júpiter, cujo sacerdócio (augurato) foi exercido pelo primeiro rei de Roma e também por César desde 47 a.C., e da inscrição “semideus”

---

<sup>24</sup> P. Zanker, “The Irritating Statues and Contradictory Portraits of Julius Caesar”. In: M. Griffin (Org.), *A companion to Julius Caesar*, Chichester, Blackwell Publishing Ltd, 2009, p. 289.

<sup>25</sup> Como no denário de Públio Cornélio Lêntulo Espínter, de 74 a.C. (RRC 397/1), embora aqui, apesar de seminu e com o pé direito apoiado no globo, o *Genius* está sentado em uma cadeira curul, portando uma cornucópia e um cetro, além da Vitória alada que o coroa. Cf. P. Zanker, *Augusto y el poder de las imágenes*, Madrid, Alianza Editorial, 2008, pp. 61-63.

<sup>26</sup> Grimal, *Dicionário da mitologia grega e romana*, 5. ed., Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005, p. 183; M. G. Kury, *Dicionário de mitologia grega e romana*. 8. ed., Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 772; P. Commelin, *Mitologia grega e romana*, São Paulo, Martins Fontes, 2011, p. 175.

<sup>27</sup> J. I. San Vicente, “El *Genius Populi Romani* en los emperadores del siglo IV y sus antecedentes”, *ARYS: Antigüedad: religiones y sociedades* 8 (2009-2010), pp. 82-83.

<sup>28</sup> J. I. San Vicente, “El *Genius*... *Op. cit.*, p. 85.

 – que César logo mandaria apagar assim que tomasse conhecimento dela<sup>29</sup> – indicar uma pretensão à divinização, tal como Rômulo experienciara, a estátua foi dedicada ao lado de uma carruagem votiva, algo que remetia a Rômulo. Em seu segundo triunfo, depois de uma vitória na Caméria, o filho de Marte teria dedicado uma carruagem no Vulcanal<sup>30</sup>.

É preciso considerar também que a área Capitolina recebia há séculos, além de consagrações de altares, muitas estátuas honoríficas de lideranças proeminentes (como é possível ver pela Figura 1). Aliás, entre os séculos III e II a.C., dedicá-las junto à carruagens votivas indicava a figura de um triunfador<sup>31</sup>. Nesse sentido, sugere Weinstock<sup>32</sup> que o conjunto formado por César/*oikouménē*/carruagem recriava o momento final do triunfo, no qual o general desce da carruagem na área Capitolina (precisamente a região onde o percurso triunfal terminava) para adentrar o templo de Júpiter. O bronze do conjunto escultórico em questão, então, capturou o ápice da cerimônia triunfal e perpetuou-o no metal, como se todas as vitórias de César fossem garantidas a partir de 46 a.C., a ponto de estar sempre encerrando um triunfo no Capitólio. Dito de outra forma, os triunfos seguiam sendo rituais extraordinários a gerais vitoriosos, menos a César, cuja estátua capitolina fazia-o triunfar todos os dias.

Assim, esta estátua eterniza César como triunfador e o funde à coletividade romana mais pela via do *Genius Populi Romani* que pela ida ao passado remoto, embora insinuações ao primeiro rei já começassem a serem feitas: seja dito de passagem que Rômulo era lembrado como rei guerreiro, de forma que uma estátua de César triunfador disposta no Capitólio o enquadrava neste legado. É diferente, entretanto, das outras três estátuas discutidas a seguir, para as quais Rômulo já é uma referência clara. Estas fazem parte de um mesmo conjunto de honras votado a César pelo Senado após a Batalha de Munda, transcorrida no dia 17 de março de 45 a.C.<sup>33</sup>. Dio Cássio menciona na mesma passagem<sup>34</sup> que uma escultura de César em marfim desfilou em uma procissão entre outras estátuas de deuses durante jogos que estavam sendo realizados no Circo Máximo; outra, contendo a inscrição “ao deus invencível”, foi depositada junto ao templo de Quirino; e uma terceira

---

<sup>29</sup> Cass. Dio XLIII 21, 2.

<sup>30</sup> S. Weinstock, *Divus Julius... Op. cit.*, pp. 55-56; M. Cadario, “Le statue... *Op. cit.*”, p. 28.

<sup>31</sup> S. Weinstock, *Divus Julius... Op. cit.*, p. 56.

<sup>32</sup> S. Weinstock, *Divus Julius... Op. cit.*, p. 59.

<sup>33</sup> P. Zanker, “The Irritating... *Op. cit.*”, p. 292.

<sup>34</sup> Cass. Dio XLIII 45, 3.

teria sido integrada ao complexo escultórico das setes estátuas dos reis de Roma (Figura 1, n. 906, 965-970) e do lendário fundador da República, Lúcio Júnio Bruto (Figura 1, n. 902), logo na entrada da área Capitolina (Figura 1, n. 1180). Suetônio<sup>35</sup> cita a que desfilou entre os deuses e a situada entre os reis no mesmo capítulo em que enumera as honras desmedidas de César, justificando sua morte a partir de exemplos de despotismo<sup>36</sup>. E Cícero, em suas cartas a Ático<sup>37</sup>, relata seu descontentamento com a estátua de César dividindo espaço no templo de Quirino.

Matteo Cadario<sup>38</sup> defende que a partir de Munda teve início um “programa coerentemente romúleo” na política dos cesarianos para elevar o ditador à posição do primeiro rei, com a intenção clara de celebrá-lo como um refundador de Roma. Começando pelo fato de que, apesar desta batalha ter ocorrido em março, a notícia da vitória foi retardada em trinta e quatro dias a fim de chegar na *Urbs* justamente em 20 de abril, véspera da Parília, na qual se celebrava a fundação de Roma por Rômulo. Foi neste mesmo dia 20 que o Senado votou as honras citadas há pouco, e Cadario<sup>39</sup> afirma que a procissão a qual a estátua de marfim desfilara seria então a *pompa circensis* da Parília, além de ter desfilado uma segunda vez nos *ludi Victoriae Caesaris*, ocorridos do dia 20 a 30 de julho do mesmo ano para celebrar a vitória em Munda, como Cícero relata em uma carta<sup>40</sup>. Na ausência de César, sua efígie marcou presença em Roma durante a celebração da fundação da cidade em um local reservado aos deuses, algo que, apesar de não implicar necessariamente na reivindicação explícita da divinização, tinha um caráter sugestivo, ainda mais considerando a inscrição *hēmítheos* que a estátua capitolina do ano anterior trazia.

Além da Parília, a atribuição do papel de novo fundador a César se realçava com a colocação de uma estátua sua no templo de Quirino. Após ascender aos deuses, Rômulo foi assimilado a Quirino, deus guerreiro de origem sabina e antiquíssimo entre os romanos<sup>41</sup>, o que fez da veneração a Quirino o culto também ao *parens* fundador. É importante notar nas lendas que narram a apoteose de Rômulo o papel de um ancestral da

---

<sup>35</sup> Suet. *Iul.* LXXVI 2.

<sup>36</sup> Suet. *Iul.* LXXVI 1.

<sup>37</sup> Cic. *Att.* XII 45, 3; Cic. *Att.* XIII 28-29, 3.

<sup>38</sup> M. Cadario, “Le statue... *Op. cit.*”, pp. 38, 41.

<sup>39</sup> M. Cadario, “Le statue... *Op. cit.*”, p. 42.

<sup>40</sup> Cic. *Att.* XIII 44, 1.

<sup>41</sup> P. Grimal, *Dicionário da... Op. cit.*, p. 403.

  
*gens Iulia* que testemunhara o evento, Próculo Júlio: Tito Lívio<sup>42</sup>, por exemplo, conta que Rômulo descerá dos céus para Próculo Júlio, provando sua imortalidade e pedindo a este que contasse aos romanos uma profecia, segundo a qual Roma deveria cultivar a arte da guerra pois, por vontade divina, deveria ser senhora do mundo. Enquanto seu ancestral atestou a apoteose romúlea, César recebeu a honra de ter uma imagem sua coabitando o templo do deificado, o que conecta duplamente a *gens Iulia* à divinização do primeiro rei, uma vez no passado longínquo e outra no presente. Aliás, o templo de Quirino, que sofrera com um incêndio em 49 a.C., estava sendo reinaugurado em 45 a.C. com uma nova estrutura de pórticos sob autoridade de César<sup>43</sup>. Ao lado da inscrição “ao deus invencível”, que não fica claro na passagem de Dio se se refere a César ou a Quirino<sup>44</sup>, o ditador cumpriu então a profecia romúlea, pois agraciou Roma com muitas vitórias e conquistou o ecúmeno.

Finalmente, a última estátua das honras de abril de 45 a.C. – a que chamou mais atenção, como pontua Zanker<sup>45</sup> – foi colocada entre os reis na entrada da área Capitolina, próxima à oitava estátua, a de Lúcio Bruto<sup>46</sup>. Segundo Jane DeRose Evans<sup>47</sup>, as estátuas dos sete reis e de Bruto estavam localizadas muito próximas ao templo de Júpiter Optimus Maximus (conferir Figura 1), eram feitas em bronze, em tamanho real e provavelmente continham inscrições nos pedestais que detalhavam os feitos de cada representado<sup>48</sup>. A autora também sugere que foram erguidas por volta do ano 280 a.C., quando Roma se aliou a Vulcos e a Tarquínia na guerra contra Pirro, em um momento em que se valorizava as origens latinas da *Urbs* para se contrapor ao mundo grego<sup>49</sup>. O Capitólio em si já era um local associado à memória dos reis antes mesmo da ereção desse complexo escultórico, pois lá se localizavam os primeiros santuários romanos erguidos durante a monarquia<sup>50</sup>. Com esta nona estátua ali inserida, a imagem de César mergulhava com mais profundidade na memória dos antigos monarcas. Se a galeria de heróis se iniciava

---

<sup>42</sup> Liv. *Ab urbe condita* I 16.

<sup>43</sup> M. C. Capanna, “Region VI. *Alta Semita*”. In: A. Carandini; P. Carafa (Org.), *The Atlas of Ancient Rome: biography and portraits of the City*, Princeton, Princeton University Press, 2017, p. 453.

<sup>44</sup> M. Cadario, “Le statue... *Op. cit.*”, p. 48.

<sup>45</sup> P. Zanker, “The Irritating... *Op. cit.*”, p. 292.

<sup>46</sup> Cass. Dio XLIII 45, 4.

<sup>47</sup> J. D. R. Evans, “Statues of the Kings and Brutus on the Capitoline” *Opuscula Romana*, 18.5 (1990), p. 100.

<sup>48</sup> J. D. R. Evans, “Statues of... *Op. cit.*”, p. 105.

<sup>49</sup> J. D. R. Evans, “Statues of... *Op. cit.*”, p. 101.

<sup>50</sup> J. D. R. Evans, “Statues of... *Op. cit.*”, p. 102.

em Rômulo, fechava-se em César, criando um vínculo teleológico entre fundador e refundador – o ditador encerrava no presente aquilo que Rômulo criara no passado, a saber, Roma.

As três estátuas votadas em 45 a.C., cada uma à sua maneira, colocavam César na condição de um novo Rômulo. Soma-se a isto outras honras que também agregavam a César esta posição<sup>51</sup>. Todavia, as fontes relatam a repercussão negativa desse paralelo. Por exemplo, Cícero<sup>52</sup> comemora a notícia dada por Ático de que, quando a estátua de marfim desfilou pela segunda vez em julho nos *ludi Victoriae Caesaris*, o povo que assistia a procissão, escandalizado com a presença de César entre as imagens divinas, recusou-se a aplaudir inclusive a deusa Vitória, que era exibida junta à efígie do ditador. Plutarco<sup>53</sup> conta que, no pedestal da estátua de Lúcio Bruto (a qual, vale dizer, portava sua espada desembainhada), foram grafadas mensagens que desejavam que o tiranicida estivesse vivo. Já Suetônio<sup>54</sup> afirma que na estátua de César constava o escrito: “Bruto, por expulsar os reis, foi o primeiro a se eleger cônsul; este aqui, por expulsar os cônsules, acabou por se tornar rei”<sup>55</sup>. Até mesmo Catulo<sup>56</sup>, anos antes da guerra civil e, portanto, das comparações mais explícitas entre o general e o primeiro rei, já satirizava César como um imitador de baixa categoria<sup>57</sup> qualificando-o como “Rômulo chupador”<sup>58</sup>.

A recepção foi de tal modo desfavorável a César que é possível levantar a dúvida se tais honras foram desacertos dos próprios cesarianos ou se se tratava de provocações travestidas de elogio<sup>59</sup>. Sendo impossível chegar na resposta, a questão que então colocamos é o porquê de uma receptividade tão avessa ao paralelo com Rômulo. Apesar da imagem despótica e da pretensa divinização que seus opositores lhe imputavam, o

---

<sup>51</sup> Como o direito de oferecer os *spolia opimia* ao templo de Júpiter Ferétrio (Dio Cass. XLIV 4, 3), fundado por Rômulo que ali dedicou os espólios de Cenina, ou o direito de posicionar sua tumba dentro do pomério (Dio Cass. XLIV 7, 1).

<sup>52</sup> Cic. *Att.* XIII 44, 1.

<sup>53</sup> Plut. *Vit. Brut.* IX 3.

<sup>54</sup> Suet. *Iul.* LXXX 6.

<sup>55</sup> Suetônio, “O divino Júlio”. In: *Vidas de César*, Tradução e notas de Antonio da Silveira Mendonça e Ísis Borges da Fonseca, São Paulo, Estação Liberdade, 2007, p. 115.

<sup>56</sup> Catull. XXIX 5.

<sup>57</sup> R. Ellis, *A Commentary on Catullus*, Nova York, Cambridge University Press, 2010, p. 77.

<sup>58</sup> Catulo, *O Livro de Catulo*, Tradução comentada de João Angelo Oliva Neto, São Paulo, Edusp, 1996, p. 86.

<sup>59</sup> P. Zanker, “The Irritating... *Op. cit.*”, p. 295.

projeto cesariano era mais complexo. Koortbojian<sup>60</sup> certifica que, embora fosse cultuado no oriente helenístico como um deus, a realidade romana era diversa, de modo que é impossível precisar se César foi visto em Roma como um deus quando ainda estava vivo – certamente o foi após a morte. O argumento central de Cadario matiza as estátuas votadas a César, mostrando que todas, além de terem precedentes (e, logo, não serem precisamente inovações audaciosas), visavam na verdade conjugar o ditador à tradição romana em detrimento de seu grande inimigo na guerra civil, Pompeu, que por seu turno vinculava suas conquistas à memória de Alexandre Magno, um estrangeiro. César rechaçou o modelo helenístico a fim de localizar suas honras extraordinárias no passado de Roma. Ao contrário de Pompeu, buscou amparo mais no *mos maiorum* que no oriente grego e encontrou em Rômulo um paradigma a seguir, muito mais íntimo aos romanos<sup>61</sup>.

Ainda assim, o romulismo de César produziu o efeito inverso ao esperado. Olivier Hekster, em um artigo dedicado à memória no governo de Augusto<sup>62</sup>, mas cujas reflexões cabem perfeitamente aqui, argumenta que as tradições não são inventadas no vazio ao bel prazer dos líderes romanos interessados em legitimar no passado seu estatuto atual, pois apesar de plástica, a memória não é uma mera ferramenta. Ao contrário, a tradição existente, cotidianamente compartilhada e materialmente experienciada, impõe condicionantes e limitações aos líderes políticos que buscam se beneficiar dela, fazendo-os se adequarem ao repertório conhecido por meio de concessões e reconhecendo impossibilidades de se apoiarem em algumas memórias. Sendo assim, a Rômulo estavam vinculadas tradições que, coligadas à memória comunicativa em circulação nos anos 40 a.C., poderiam ser bem desagradáveis a César. A primeira é a passagem do fratricídio de Remo, que é narrada por alguns autores tardo-republicanos<sup>63</sup> como a violência original, fundadora da discórdia na sociedade romana. A segunda é a outra versão da morte de Rômulo, não apoteótica: seu assassinato pelas mãos dos senadores<sup>64</sup>. Os eventos recentes envolvendo César, como a guerra civil e a oposição senatorial, poderiam instigar na

---

<sup>60</sup> M. Koortbojian, *The divinization...* *Op. cit.*, pp. 22-24.

<sup>61</sup> M. Cadario, “Le statue...” *Op. cit.*, pp. 59-63.

<sup>62</sup> O. Hekster, “Identifying tradition. Augustus and the constraint of formulating sole rule”, *Politica Antica* 7, (2017), pp. 47-60.

<sup>63</sup> Como Dionísio de Halicarnasso (*Ant. Rom.* I 85, 4-6; I 87.1-2) e Tito Lívio (I 7).

<sup>64</sup> Segundo Poucet (1985, p. 289-290), é difícil precisar qual é a versão mais antiga, mas de qualquer forma predomina o tema do desaparecimento misterioso de Rômulo em ambas. Sobre a versão do assassinato de Rômulo, ver Tito Lívio (I 16), Plutarco (*Vit. Rom.* XXVII 5-6) e Apiano (*B Civ.* XI 114). Cf. J. Poucet, *Les origines de Rome : tradition et histoire*, Bruxelas, Presses de l’Université Saint-Louis, 1985, pp. 289-290.

comparação com Rômulo a lembrança dessas passagens ao invés de outras positivas, justamente as quais ele gostaria que fossem recordadas. Dentro da tradição romúlea, portanto, havia brechas que em diálogo com o passado recente deixavam César em uma situação delicada.

Mas além disso, Rômulo estava institucionalmente inserido em Roma. Pois ele não foi apenas o responsável pela fundação da cidade no Palatino com a interpretação de auspícios divinos, foi também o criador da comunidade cívica romana (daí seu lugar de *parens* no passado mítico) e de uma série de instituições administrativas e sagradas que se perpetuara ao longo da República. Mayorgas<sup>65</sup> lista algumas das tradições associadas a Rômulo, como a instituição do pomério, os *spolia opimia* no templo de Júpiter Ferétrio, às três tribos, as dez cúrias, até mesmo a criação de algumas leis, além de festividades, como a Parília e a Lupercália, e *mnemotopoi*, tais como a caverna do Lupercal, o *ficus Ruminalis* e a *casa Romuli*. Mesmo que muitas destas fundações tenham se desenvolvido ao longo dos anos e não sejam tão antigas, a memória cultural as atribuía a Rômulo. Este, apesar de rei, acabou fundido na estrutura política da *res publica* com todas as criações que lhe eram atribuídas – Cícero, em *De Re Publica* (II 17), delega a Rômulo as duas maiores pedras fundamentais da República, o Senado e os auspícios (isto é, o ato de interpretá-los, autoridade própria dos áugures).

---

<sup>65</sup> A. R. Mayorgas, “Romulus, Aeneas and the cultural memory of the Roman Republic”, *Athenaeum* 98.1 (2010), pp. 94-100.



### Considerações finais

Em síntese, Roma estava saturada de Rômulo: ele marcava constante presença na paisagem urbana e nos cerimoniais cívicos e religiosos da cidade. Era aí que residia o problema. Refletindo sobre a crise republicana do final do século I a.C. que levaria à formação do império, o historiador Aloys Winterling<sup>66</sup> enxerga no choque entre duas estruturas de poder, uma velha e outra nova, a fonte da instabilidade política. Segundo ele, a sociedade romana era politicamente integrada, ou seja, a hierarquia social era definida em primeiro lugar pelos cargos magisteriais ocupados por cada aristocrata, de forma que a manutenção das antigas instituições políticas – que davam concretude à *res publica* – era imprescindível à reprodução da própria estrutura social. No entanto, desenvolveu-se durante o século I a.C. uma nova realidade material na qual as forças militares e os recursos econômicos do império foram cada vez mais concentrados, até o ponto de serem praticamente monopolizados pelo que viria a se tornar a figura dos imperadores.

Assim, a centralização do poder em curso não poderia interferir na disposição hierárquica que agregava o corpo aristocrático, ou seja, nos cargos e instituições que davam contorno à *res publica*, afinal a sociedade romana estava politicamente integrada neste formato político. Solucionar tal contradição implicava em encontrar uma acomodação entre a nova realidade material dos grandes generais e a ordem republicana, que deveria permanecer incólume para a reprodução social da elite enquanto tal. Sendo Rômulo visceral a Roma, imensamente institucionalizado nos quadros representativos da *res publica*, recorrer à sua memória para respaldar o enorme poder acumulado significava buscar um *locus* institucional, dentro da *res publica*, e, assim, desequilibrar a integração política da sociedade romana. Daí a colisão crítica com os opositores que viram suas posições ameaçadas apesar do apelo à tradição latina por parte de César, que apelou à memória de Rômulo justamente em uma tentativa de encontrar em um lugar comum aos romanos uma legitimidade aos poderes acumulados ao longo da guerra civil. Parte do corpo

---

<sup>66</sup> A. Winterling, *Politics and Society in Imperial Rome*, Hoboken, Wiley-Blackwell, 2009, pp. 29-30.

aristocrático não viu isso, mas sim uma ameaça de laceração da *res publica* quando César tentou penetrar em um espaço já ocupado por Rômulo.

Ademais, se a memória cultural referente a este rei mitológico estava profundamente enraizada na *Urbs*, César possuía pouco espaço de manobra ao tentar se associar a ela. Ou seja, ela lhe impunha mais limitações, que lhe obrigavam a fazer concessões, que abria possibilidades de favorecê-lo. A roupagem de Rômulo pela qual César buscava tonificar a própria imagem exigia deste último a capilaridade social, institucional e memorial do primeiro, cobrava uma envergadura que o ditador não teve tempo hábil para desenvolver.

A abundância das referências a Rômulo na capital ultrapassava em grandeza qualquer conquista que os cesarianos intentassem qualificar como o legado romúleo de César, o que armava a oposição. Ao se comparar ao primeiro rei, então, César se sujeitou a Rômulo, e não o contrário, o que instigou entre aqueles que viram as estátuas cesarianas uma confrontação desequilibrada para o lado do ditador: ele jamais poderia competir com a aura do passado original, amplamente lembrado e acessado pela audiência romana. Em suma, César saiu prejudicado desta associação, com críticas e embaraços nas costas. A grandeza do passado fagocitou o presente, apequenando-o.



## Referências Bibliográficas

### Textos antigos:

Catulo, *O Livro de Catulo*, Tradução comentada de João Angelo Oliva Neto, São Paulo, Edusp, 1996.

Cícero, *The Republic and The Laws*, Tradução de Niall Rudd; introdução e notas de Jonathan Powell e Niall Rudd, Oxford, Oxford University Press, 2008.

Cícero, *Correspondance : Lettres 1 à 954*, Tradução de Léopold-Albert Constans, Jean Bayet e Jean Beaujeu; apresentação, notas e comentários de Jean-Noël Robert, Paris, Les Belles Lettres, 2021.

Dio Cásio, *Roman History (Books 41-45)*, Tradução de Earnest Cary, Londres, William Heinemann Ltd, 1945.

Dionísio de Halicarnasso, *Roman Antiquities (Books 1-2), vol. I*, Tradução de Earnest Cary, Londres, William Heinemann Ltd, 1939.

Plutarco, *Plutarch's Lives: Dion and Brutus, Timoleon and Aemilius Paulus* (vol. VI), Tradução de Bernadotte Perrin. Londres, William Heinemann Ltd, 1954.

Plutarco, César. In: *Vidas de César*. Tradução e notas de Antonio da Silveira Mendonça e Ísis Borges da Fonseca, São Paulo, Estação Liberdade, 2007.

Suetônio, “O divino Júlio”. In: *Vidas de César*. Tradução e notas de Antonio da Silveira Mendonça e Ísis Borges da Fonseca, São Paulo, Estação Liberdade, 2007.

Tito Lívio, *The History of Rome (books 1-5)*, Tradução, introdução e notas de Valerie M. Warrior, Indianápolis, Hackett Publishing Company, 2006.

### Textos modernos:

J. P. Adam, *L'arte di costruire presso i Romani: materiali e tecniche*, Milão, Longanesi, 1988.

A. Assmann, *Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural*, Campinas, Editora da Unicamp, 2011.

J. Assmann, *Religion and cultural memory: ten studies*, Stanford, Stanford University Press, 2006.

  
J. Assmann, *Cultural memory and early civilization. Writing, remembrance, and political*

*imagination*, Cambridge, Cambridge University Press, 2011.

M. Cadario, “Le statue di Cesare a Roma tra il 46 e il 44 a.C.: la celebrazione della vittoria e il confronto con Alessandro e Romolo”, *Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia dell’Università degli Studi di Milano* 59.3 (2006), 25-70.

M. C. Capanna, “Region VI. *Alta Semita*”. In: A. Carandini; P. Carafa (Org.), *The Atlas of Ancient Rome: biography and portraits of the City*, Princeton, Princeton University Press, 2017.

A. Carandini (ed.), *The Atlas of Ancient Rome: biography and portraits of the City – vol 2, tables and indexes*, Princeton, Princeton University Press, 2017.

P. Commelin, *Mitologia grega e romana*, São Paulo, Martins Fontes, 2011.

T. Cornell, *The Beginnings of Rome: Italy and Rome from the Bronze Age to the Punic Wars (c. 1000-264 Be)*, Abingdon, Routledge.

R. Ellis, *A Commentary on Catullus*, Nova York, Cambridge University Press, 2010.

J. D. R. Evans, “Statues of the Kings and Brutus on the Capitoline” *Opuscula Romana*, 18.5 (1990), 99-105.

P. Grimal, *Dicionário da mitologia grega e romana*, 5. ed., Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.

O. Hekster, “Identifying tradition. Augustus and the constraint of formulating sole rule”, *Politica Antica* 7, (2017), 47-60.

K. J. Hölkeskamp, “In Defense of Concepts, Categories, and Other Abstractions: Remarks on a Theory of Memory (in the Making)”. In: K. Galinsky (Org.), *Memoria Romana: Memory in Rome and Rome in memory*, Ann Arbor, University of Michigan Press, 2014, pp. 63-70.

T. Hölscher, *Visual power in ancient Greece and Rome: between art and social reality*, Oakland, University of California Press, 2018.

M. Koortbojian, *The divinization of Caesar and Augustus: precedents, consequences, implications*, Nova York, Cambridge University Press, 2013.

M. G. Kury, *Dicionário de mitologia grega e romana*. 8. ed., Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

A. R. Mayorgas, “Romulus, Aeneas and the cultural memory of the Roman Republic”, *Athenaeum* 98.1 (2010), 89-109.

- 
- U. T. B. Meneses, “A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais”, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* 34 (1992), 9-24.
- J. Pollini, *From Republic to Empire: Rhetoric, Religion, and Power in the Visual Culture of Ancient Rome*, Norman, University of Oklahoma Press, 2012.
- J. Poucet, *Les origines de Rome : tradition et histoire*, Bruxelas, Presses de l'Université Saint-Louis, 1985.
- J. Rüsen, “Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história”, *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography* 2.2 (2009), 163-209.
- J. I. San Vicente, “El *Genius Populi Romani* en los emperadores del siglo IV y sus antecedentes”, *ARYS: Antigüedad: religiones y sociedades* 8 (2009-2010), 79-100.
- S. Weinstock, *Divus Julius*, Oxford, Oxford University Press, 1971.
- A. Winterling, *Politics and Society in Imperial Rome*, Hoboken, Wiley-Blackwell, 2009.
- T. P. Wiseman, “Popular Memory”. In: K. Galinsky (Org.), *Memoria Romana: Memory in Rome and Rome in memory*, Ann Arbor, University of Michigan Press, 2014, pp. 43-62.
- P. Zanker, *Augusto y el poder de las imágenes*, Madrid, Alianza Editorial, 2008.
- P. Zanker, “The Irritating Statues and Contradictory Portraits of Julius Caesar”. In: M. Griffin (Org.), *A companion to Julius Caesar*, Chichester, Blackwell Publishing Ltd, 2009, pp. 288-314.